

# Estudos gramaticais: diferentes epistemologias e distintas metodologias

Os estudos linguísticos no Brasil vêm se consolidando desde o século XX e, a despeito da influência que ainda exercem grandes centros de excelência em Linguística na Europa e nos Estados Unidos sobre o modo de se “fazer ciência” nesta área, podemos considerar que já há um acervo considerável de pesquisa escrita *em e sobre* o Português Brasileiro (doravante, PB).

Linguistas que, historicamente, trabalhavam a análise linguística sob prismas e lentes distintas passaram a conjugar esforços e equipes em prol da descrição e da análise de fenômenos linguísticos até então insuspeitos no PB. Nesses agrupamentos de profissionais da área, com formações e metodologias de trabalho às vezes divergentes, o dissenso serviu como propulsor de novos olhares e fomentou o enfrentamento de questões relevantes em diferentes áreas e correntes da Linguística. Os resultados dos empreendimentos realizados evidenciam uma grande e relevante produção acadêmica.

Para Castilho (2010), esse movimento foi responsável por uma nova perspectiva de estudos do PB, fugindo ao descritivismo gramatical calcado em classificação de entidades e produtos, para um foco nos processos, enxergando em tais produtos a ponta de um *iceberg* que pressupunha águas bem mais profundas. Essa perspectiva, segundo ele<sup>1</sup>, ressignificou uma afirmação de Humboldt, para quem “*la lengua misma no es una obra (érgon) sino una actividad (enérgeia)*” (HUMBOLDT 1990, p.65, *apud* CASTILHO 2010, p.122).

Como *enérgeia*, isto é, como um vir a ser (processo) e não um produto acabado e circunscrito a si mesmo, a língua se revela um sistema complexo e mutável, para cuja configuração operam forças internas e externas. Segundo Castilho (*op.cit.*), para apreender toda esta complexidade, tornou-se inadiável a tarefa de

tentar a formulação de uma teoria que entendesse a língua como um sistema complexo e dinâmico, suficiente para enquadrar adequadamente os processos da linguagem, para além da gramaticalização. Tudo isso desembocou no que tenho denominado a “abordagem multissistêmica da língua”, que implicará numa nova agenda de pesquisas, necessariamente interdisciplinares, pois

---

<sup>1</sup> Fala que é retomada em entrevista com o Professor Ataliba T. de Castilho, nesta edição da Scripta.

qualquer fenômeno será estudado a partir de quatro perspectivas: (i) Léxico e lexicalização, (ii) Semântica e semanticização, (iii) Discurso e discursivização, (iv) Gramática e gramaticalização. Um conjunto articulado de categorias caracteriza cada um desses sistemas. Nenhum deles pode ser postulado como o centro da língua. Nenhum deles determina os outros. (CASTILHO, 2010, p.123)

Para esse autor, o fato de abordagens formalistas e funcionalistas elegerem um dos sistemas como nuclear e um ponto a partir do qual derivavam as correlações e as relevâncias dos demais sistemas (por exemplo, a Fonética, que foi o foco das atenções para os neogramáticos; a Fonologia, que o foi para os estruturalistas; a Sintaxe, para os gerativistas; o Discurso e/ou a Semântica, para os funcionalistas) é algo a ser discutido, pois tanto uma ótica quanto a outra se irmanam ao tratar da língua como fenômeno linear e “arrumadinho” em camadas. Para Castilho, “se quisermos identificar os processos que se escondem por trás desses produtos, teremos de abandonar a ideia da língua-linha” (*op.cit.*, p.123) e lançarmos nosso olhar à “multissistematicidade” dos fenômenos linguísticos, cujas motivações não se dão de forma organizada, a partir de fonte única de motivação.

A proliferação de abordagens linguísticas hoje disponíveis, fruto de diferentes epistemologias e distintas metodologias, permitiu-nos descortinar fenômenos de ordem fonológica, morfo(fono)lógica; sintática e morfossintática; semântico-pragmática, entre outras tantas interfaces que nos revelam quão instigante e complexa é a busca de desvelar os condicionantes de fenômenos linguísticos às vezes aparentemente simples, mas que evidenciam uma inter-relação bastante sofisticada e que não se dá a conhecer a não ser após árduo trabalho investigativo, mediado pelo uso de aparatos e procedimentos metodológicos e tecnológicos, que se vão constituindo a partir das demandas e potencialidades apresentadas pela realidade, por vezes emprestados de ciências que apresentam grandes áreas de interface, como a Psicologia, a Sociologia, a Neurologia, entre outras.

Dentro desse contexto, este número da Revista Scripta contempla pesquisas que focalizam análises linguísticas efetivadas à luz de diferentes construtos teóricos, com o objetivo de congregar estudos recentes que tomam a língua – em si um epifenômeno estrutural, formal, funcional, cognitivo e social – a partir de diferentes óticas. Ao lado de trabalhos no escopo da Gramática Descritiva (GD), que se baseiam na descrição da estrutura e funcionamento da língua, buscando compreender a relação entre forma e função e o estabelecimento das suas regras de funcionamento e uso, tendo como parâmetro o que é gramatical e o que não é gramatical, encontramos trabalhos vinculados à abordagem da Teoria Gerativa.

Sob o escopo da Teoria Gerativa (TG), algumas abordagens vêm nos trazer questões relevantes. A partir da década de 1950, quando a voz de Chomsky se insurge contra estudos estruturalistas realizados em um contexto antimentalista, a TG desloca o eixo dos estudos da linguagem para análises cognitivistas, dando primazia à ligação entre linguagem e um sistema mental que criaria e interpretaria expressões continuamente. Assim surgem os questionamentos: o que nós sabemos quando nós sabemos uma língua? Como é que a criança adquiriu esse conhecimento? Qual é o tipo de evidência que a criança precisa para adquirir a linguagem? Como é que o falante põe seu conhecimento linguístico em uso? (cf. CHOMSKY, 1995). São questionamentos como esses que guiam parte das pesquisas que visam a compreender a relação linguagem e mente humana. E esse empreendimento não é trivial, uma vez que o conhecimento linguístico é tácito. Ou seja, nós não sabemos conscientemente o que sabemos quando conhecemos uma língua, ou como nossa mente trabalha quando nós sabemos uma língua. Alguns dos trabalhos elencados nesta edição, que versam sobre processamento linguístico e aquisição de linguagem, nos ajudarão a lançar mais algumas luzes sobre tais questionamentos.

Outras abordagens mais recentes surgem no cenário dos estudos linguísticos, como a Gramática de Construções. Para Salomão (2002, p.68), essa perspectiva traz uma visão mais natural e econômica, pois, em vez de tratar cada predicador lexical por meio de uma regra (gerando excesso de idiossincrasias), postula-se uma configuração sintática acoplada a uma estruturação pragmático-semântica correspondente, a qual é válida para aquela situação e para outros contextos similares em que alguma circunstância evoque a comunicação daquele mesmo valor. Essa perspectiva, derivada dos estudos de Gilles Fauconnier (Teoria dos Espaços Mentais, anos 1990), funda-se na crença da “capacidade humana de operar sistematicamente a integração conceptual de formas e esquemas pré-disponíveis, sem as quais não seríamos capazes de assegurar a nosso convívio condições essenciais de historicidade e de sociabilidade” (SALOMÃO, 2002, p.73).

No âmbito da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) e da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995), há trabalhos instigantes que focalizam a utilização de determinados itens (simples ou com formantes nativos ou emprestados de outras línguas, os *splinters*) ou determinadas expressões gramaticais (como conjunções ou locuções prepositivas) buscando evidenciar que as escolhas feitas pelos falantes não se prendem a valores normatizados e estabelecidos como prototípicos. Para além dessas categorizações, os usos analisados demonstram intenções comunicativas dos falantes, de cunho pragmático, como ênfase e

intensificação, entre outros.

Também a Semântica Cognitiva é aporte teórico utilizado para a análise e a compreensão de estruturas gramaticais nesta edição da Scripta. O estudo das metáforas vem sendo considerado, nas últimas décadas, essencial como forma de abordagem das estruturas conceituais e das categorias mentais dos sujeitos, que se vão constituindo a partir das experiências e vivências cotidianas. A apreensão do significado de certas categorias gramaticais passa, então, pela apreensão de representações de si e da realidade, as quais são operadas por meio das práticas linguísticas. No caso em questão, um trabalho publicado nesta edição evidencia o emprego de metáforas gramaticais ou interpessoais, veiculadas em um gênero bem específico na ambiência acadêmica, como é o caso dos pareceres de artigos científicos: tanto o texto de reprovação quanto o de aprovação se constituem como indicativos de um ritual interlocutivo entre sujeitos (parecerista / autor), em que se nota hierarquização de posicionamentos, (im)possibilidade de negociação interlocutiva, tentativa de preservação de faces (pela ausência de crítica ostensiva ou mesmo por uma solidarização com o autor cujo trabalho está sendo reprovado), entre outros comportamentos vistos como “civilizados” e adequados ao ambiente acadêmico.

Temos, por fim, visões bastante novas e integradoras, como a Linguística Ecosistêmica (em que se vislumbra a ambiência social da língua como um ecossistema), a Linguística Multissistêmica (proposta por Ataliba de Castilho e apresentada em sua entrevista) que visam a compreender a língua de forma mais holística e como o verdadeiro processo de operações ininterruptas em que ela consiste, bem como a Linguística Cognitiva, trazida à luz pela discussão de uma Teoria da Expectativa.

Desta forma, a consecução de nossa proposta de apresentar vários estudos sobre fenômenos gramaticais, em distintos quadros teóricos e suas inextricáveis relações com aspectos biológicos, cognitivos, sociais, discursivos, *etc.* constituiu-se para nós, as organizadoras, um grande desafio. Apresentar diferentes abordagens, ancoradas em distintas bases teóricas (a partir das quais fenômenos e processos linguísticos foram pesquisados, analisados e aplicados ao ensino de língua materna e de língua estrangeira), só faria sentido se tal configuração refletisse, em alguma medida, a organicidade com que a própria língua autorregula os fenômenos materializados na fala e na escrita de seus “usuários”.

Visando encontrar um eixo norteador dos temas tratados nos textos, as muitas leituras do conjunto de artigos selecionados para este número propiciaram que nos deparássemos com inúmeras perguntas e instabilidades, mas também com a

diversificação e sofisticação de diferentes trajetórias de pesquisadores que tratam da relação entre estudos gramaticais sob a pressuposição da linguagem como atividade sociocomunicativa (isto é, como uma competência social, permeada de intencionalidade comunicativa e regida por princípios sociais e linguísticos), e, concomitantemente, como atividade linguístico-cognitiva, realizada por meio de um desempenho que se mostra permeado de regularidades em seus vários níveis (fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos). Se, por um lado, mesmo com tantas mãos, lupas e aparatos, muitas questões ainda restam a serem respondidas, por outro, fica a constatação do avanço na compreensão de fenômenos gramaticais, os quais se viram objetos de um exercício inesgotável de inteligência (no sentido do étimo, de *inte* legere, isto é, de leitura feita a partir do interior), com o respaldo de distintos aportes teóricos.

Para nossa satisfação, a presente edição conta com a participação de professores pesquisadores de importantes centros universitários do país e cada um traz sua colaboração nesta complexa empreitada de “inteligir” os fenômenos linguísticos de forma instigante, provocativa.

O Dossiê “**Estudos gramaticais: um tema, várias perspectivas teóricas**” traz uma coletânea de 16 artigos, cuja leitura permite uma viagem pelos diversos âmbitos de estudos da Língua Portuguesa. Para organizá-lo, adotamos como critério uma perspectiva que partiu do global (mais integradora), passou por análises mais específicas sobre aspectos e fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos) e finalizou com outro trabalho que considera a língua de uma forma globalizante.

O Professor Hildo Honório do Couto (da Universidade de Brasília), que inaugura o dossiê, oferece uma análise integrativa, focando a relação entre Linguística e Ecologia, e afirma, em seu ensaio denominado “Estudos Gramaticais à Luz da Linguística Ecológica”, que, a despeito da incipiência de estudos gramaticais na perspectiva ecossistêmica, a concepção que adota em seus trabalhos é a de que a língua está relacionada às interações verbais que se dão no *ecossistema linguístico* e o que interessa no ecossistema biológico não é a população de organismos vivos nem seu território – correspondente ao lugar onde se dão as interações mentais -, mas, sim, as interações que se dão entre eles. Para o autor, a língua não é apenas social, mental ou natural; na verdade seria tudo isso simultaneamente, ou seja, a perspectiva é a de que a língua seria biopsicossocial.

Para expor sua base teórica, a Linguística Ecológica (L.E.), o autor apresenta um panorama das concepções de língua ao longo da história. Esse é um ponto forte do texto, já que Couto retroage, de forma resumida, à concepção de

língua/linguagem desde a Antiguidade até chegar à sua proposta. Assim, o autor faz um caminho explicitando formas de conceber a língua como estrutura e aponta vários estudos relevantes, destacando deles aspectos que se aproximam e se afastam da proposta de L.E. Couto afirma que foi com a gramática estratificacional que as representações começaram a dar conta da língua como fenômeno dinâmico, não unilinear e unidirecional. Com os estudos de língua como organismo e como vírus, respectivamente, surgiu a visão ecossistêmica de língua, segundo a qual ela é basicamente interação, e suas representações devem ser do tipo redes ou rizomas multidirecionais e multilaterais. Enfim, a L.E. considera a língua não como um instrumento de comunicação ou expressão do pensamento, mas como a própria comunicação e a expressão do pensamento.

No âmbito da Fonologia, o segundo artigo, da professora Leda Bisol (da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), intitulado “Epêntese Consonantal”, traz uma metodologia de abordagem de palavras terminadas em sufixos produtivos, sob o aporte da Teoria da Otimidade. Como a própria autora afirma, buscou-se depreender “a gramática básica da derivação com epêntese consonantal e as implicações relacionadas à especificidade de sufixos”, trazendo evidências de dados da língua que justificam a epêntese (inserção de consoante ausente da base lexical ou do sufixo), criando padrões de formação não aleatórias (como a inserção de /z/ e /r/, com preponderância de /z/, ocorrência verificada com todos os sufixos em consideração, enquanto /r/ tem seus limites). Vinda de uma experiente fonóloga, este trabalho apresenta contribuições relevantes à área, visto que o objetivo delineado pela autora e claramente explorado ao longo do texto aponta resultados pertinentes e adequada perspectiva teórica para sua abordagem.

No terceiro artigo, intitulado “Representação fonológica dos róticos do Português Brasileiro: uma abordagem à base de exemplares”, Iris Renniecke (UFMG) examina a variação dos róticos (sons de *r*), em um *corpus* de português brasileiro coletado em Lavras (MG). Tendo como instrumental uma análise acústica, seu estudo revelou a existência de 21 variantes (entre vibrantes, tipes, fricativas, aproximantes e aproximantes aspiradas, podendo ser alveolares, palatais, retroflexas / arqueadas, uvulares e glotais). Tomando por base o aporte da Fonologia de Exemplares, constata e discute a gradiência fonética observada, cuja motivação reside na redução do gesto articulatório (conhecida na literatura como lenição, que, segundo Renniecke, “ocorre pela automatização de padrões neuromotores”.

Em sua análise, a autora busca integrar informações sobre as mudanças históricas por que passou a “classe dos róticos”, como fator que comprova uma

certa relação de parentesco intralinguístico, além de avaliar a atuação de outros elementos do sistema fonológico que respondem pela existência desse *continuum* e evidencia que “a sobreposição de variantes anteriores e posteriores em coda silábica indica que o contraste entre R-forte e r-fraco pode ser caracterizado como um “quase-contraste”. Constitui-se numa leitura altamente recomendada, visto que traz relevantes contribuições à discussão sobre o caráter das representações fonológicas, bem como sobre o uso de modelos de exemplares para a descrição dos róticos no PB.

Considerando a Morfologia e suas interfaces, descortina-se um conjunto de textos cuja abrangência temática e teórico-metodológica propicia ao leitor diferentes leituras, face aos avanços e às ramificações de teorias já consolidadas ou ao ineditismo de novas formas de pesquisa (em) linguística apresentada.

Sendo dinâmica e plástica a língua, constantemente, deparamo-nos com palavras novas na linguagem científica e tecnológica. Surgem gírias e algumas palavras ganham novo sentido. Nessa perspectiva, esta edição conta com dois artigos que abordam as estratégias usadas na criação de novas palavras no PB.

Carlos Alexandre Gonçalves (da UFRJ), em seu artigo intitulado “Uma análise construcional dos *splinters* não nativos em uso no português do Brasil”, reflete sobre maneiras como novas unidades morfológicas se integram na língua. Faz isso por meio da descrição de alguns *splinters* (fragmento de palavra usado repetidamente na formação de novas palavras) advindos do inglês e apresenta características formais e semânticas dos vocábulos resultantes. O autor parte do modelo de Booij (2005, 2007, 2010) para o tratamento da morfologia no paradigma da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995), a Morfologia Construcional, modelo que surge no cenário dos estudos linguísticos como alternativa para a análise de processos morfológicos instáveis, os quais não podem ser encaixados perfeitamente nos padrões canônicos da composição e da derivação.

Gonçalves reflete sobre a maneira como novas unidades morfológicas se integram na língua e como se conformam aos esquemas básicos de formação de palavras da língua tomadora e apresenta esquemas e subesquemas de que participam os chamados *splinters* não nativos. Por exemplo, um deles, o *splinter* “*cyber*” constitui um encurtamento não morfêmico da palavra *cybernetics*, cuja estrutura interna é *cybern-etics*, ou seja, *cyber-* é um fragmento da palavra originária. As formas *cyber-X* (*cyber-condria*, *cyber-avó*, *cyber-babá*, etc.), embora sejam semanticamente diversas, podem ser genericamente referenciadas como tecnologia de ponta ligada a várias áreas. Do ponto de vista formal, *cyber-*, diferentemente do inglês, é uma forma presa de categoria neutra, já que o elemento

à direita é que constituirá a cabeça lexical, pois responderá pela classe e pelo gênero do produto, além do conteúdo semântico. Em análise instigante, permeada por bastantes exemplos, o autor traz, em seu texto, muitas novas palavras ligadas à área de tecnologia e demonstra como os *splinters* acabam se ajustando aos esquemas básicos de formação de palavras da língua.

O quinto artigo, intitulado “As “ianes” do porão: análise morfo-pragmática das atuais construções X-iane”, é outro trabalho que versa sobre formação de novas palavras, travando estreito diálogo com o texto precedente. Em análise que se propõe a tratar de construções “base + sufixo -iane”, os professores Katia Emmerick Andrade e Roberto Botelho Rondinini, ambos da UFRRJ, atentam para aspectos morfo-pragmáticos subjacentes a esse paradigma de neologias que tem se tornado frequente na atual sincronia do PB. Para eles, itens como “falsiane” e “sinceriane”, que têm permeado situações cotidianas de interações comunicativas mais informais e em gêneros textuais corriqueiros nos ambientes eletrônicos e mídias sociais, apresentam uma característica predicativa: podem ser parafraseadas como “pessoa que é X”.

Assim como Gonçalves, os autores se respaldam no modelo da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2007, 2010), que visa a fornecer “uma análise unificada da formação de palavras complexas, compostas ou derivadas, por meio do estabelecimento de esquemas construcionais”. Andrade & Rondinini, partindo dos esquemas construcionais apresentados, dedicam-se a delimitar a estrutura de palavras já existentes com o formativo “- iane”, bem como a especificar o modo como novas palavras podem ser formadas. Os autores classificam em três categorias as palavras terminadas em “-iane”; a primeira, ligada a formações mais transparentes, construídas a partir de uma base facilmente reconhecida como um adjetivo, por ser de uso frequente (como “Falsiane”, “Gordiane” e “Hipocriane”); a segunda categoria, formada por palavras em que a partícula se conecta a bases substantivas, mas que exercem função adjetiva, motivadas por metonímia (como em “bolsiane” que advém de “bolsa” e a conotação é “aquela que roda bolsinha”); por fim, na terceira categoria, listam-se as formações que podem suscitar dúvidas de interpretação, pois estão bem mais sujeitas à paráfrase “pessoa que é X”, como ocorre com a forma nominalizada de verbos do particípio passado (“esquecer” > “esquecida” > “esqueciane”). Ao investigar o surgimento dessas formações, com esse formativo, cujo uso ainda é muito recente e apresenta diferentes graus de aplicabilidade, Andrade & Rondinini acreditam que, na sincronia atual, “-iane” esteja localizado, no *continuum* radical-afixo, entre as categorias *splinter* e sufixo. Sem dúvida, uma análise instigante e extremamente atual.

No sexto artigo, “Construindo o Dicionário de Valências: problemas e resultados”, o consagrado linguista Mário Alberto Perini (UFMG e CNPQ) descreve o desenvolvimento de um projeto bastante ambicioso, interinstitucional (UFMG e outras três universidades mineiras), denominado Projeto Valência Verbal em Português (VVP), cujo objetivo é efetivar a elaboração de um dicionário de valências verbais do português brasileiro. Segundo o professor, passada a etapa de notação das construções (diáteses), “composta de uma análise sintática maximamente simples, mais os papéis semânticos de cada constituinte”, agora os pesquisadores encontram-se em fase de análise das possíveis diáteses de cada verbo. O objetivo é propiciar uma classificação que prime pela abrangência e excelência descritiva, que ofereça uma classificação detalhada, precisa e capaz de expressar adequadamente o comportamento gramatical de cada item lexical, de modo a se constituir num referencial tanto para estudantes brasileiros, quanto para alunos estrangeiros em situação de aprendizagem do Português como L2 (segunda língua).

Com o propósito de oferecer um sistema superior às classificações tradicionais disponíveis em termos de coerência e completude, Perini compartilha com os leitores alguns dos problemas de análise ainda a serem enfrentados e de decisões já estabelecidas, em especial no que tange à definição e à delimitação dos papéis semânticos. Em termos de teoria linguística, a pesquisa já realizada tem demonstrado que “a proporção geralmente pressuposta entre regularidade e irregularidade na estrutura das línguas subestima seriamente a importância da informação idiossincrática” (como exemplo, num conjunto de 50 verbos, foram encontradas 45 diáteses distintas). Defendendo o grau de aprofundamento da análise em curso, Perini aponta que os resultados desta pesquisa podem trazer benefícios ao planejamento de cursos de Português como língua estrangeira (PLE), bem como abarcar questões ligadas ao estudo da aquisição da linguagem.

Na sequência, com o artigo “O estatuto de *nem* na gramática do português”, as autoras, Norma Barbosa Novaes Marques (UNIESP) e Erotilde Goretti Pezzati (UNESP/ São José do Rio Preto), apresentam uma discussão do *status* da partícula “nem”, tradicionalmente considerada uma conjunção aditiva (‘nem’ teria o mesmo papel de ‘e’, ou seja, é uma conjunção que marca uma relação de adição entre segmentos negativos coordenados, com significado básico de “e também não”, portanto, um item complexo). Utilizando o aparato teórico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF, sobretudo os pressupostos de HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), as autoras apresentam evidências que “nem”, tal como o item lexical ‘não’, além de item gramatical (operador de polaridade negativa), é

dotado de um valor morfossintático e discursivo de ênfase.

Com evidências extraídas do *corpus* do Projeto PHPB, constituído de documentos escritos no Brasil, dos séculos XVII ao XX, analisam dados os quais revelam que ‘nem’ pode ocorrer “numa relação de justaposição entre atos discursivos, ou entre termos de diferentes categorias semânticas, e representa, além da negação, uma estratégia de intensificação”. Desta forma, mais do que mero conector, trata-se de um recurso linguístico-discursivo utilizado pelo falante a partir de um propósito comunicativo bem específico.

O oitavo artigo, intitulado “Orações concessivas prefaciadas por *a pesar de* e *a pesar de que* no espanhol peninsular falado: Factualidade, Pressuposição e Tempo de Referência à luz do funcionalismo”, traz uma análise da professora Talita Storti Garcia (IBILCE / UNESP) e de Bárbara Ribeiro Fante (mestranda, da UNESP /campus São José do Rio Preto), em que, também à luz da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), oferecem uma descrição e análise das orações concessivas prefaciadas por *a pesar de* e *a pesar de que* no espanhol peninsular falado. Com o objetivo de verificar em que medida os critérios identificados acima podem distinguir tais locuções e como a interferência desses fatores pode se materializar nas construções linguísticas em tela, as autoras evidenciam que tais conectores introduzem estruturas de naturezas diferentes – sejam frases nominais, sejam orações. Considerando ocorrências de dois *corpora* significativos (*Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América* e *Corpus de Referencia del Español Actual*), os resultados mostram uma complementaridade de atuação: as orações prefaciadas por *a pesar de* tendem a veicular informação factual e pressuposta; *a pesar de que* tende a apresentar informação também factual, mas que pode ser pressuposta ou não-pressuposta.

A extensiva análise aponta como fator preponderante a essa situação o Tempo de Referência: *a pesar de* apresenta tempo de referência dependente, enquanto *a pesar de que*, tempo de referência independente. Trata-se de trabalho com relevante contribuição, instigante e dotado de farta exemplificação, e discussão dos dados.

O nono artigo, “*Multi-word verbs* na escrita acadêmica de aprendizes do inglês: um estudo baseado em *corpus* de estudantes brasileiros”, traz uma acurada análise sob o bojo da Linguística de *Corpus*. Neste trabalho, Priscilla Tulipa da Costa (mestranda em Linguística / UFMG) e a professora Adriana Maria Tenuta de Azevedo (POSLin FALE / UFMG) investigam o uso dos *multi-word verbs*, isto é, itens compostos por mais de um vocábulo lexical (normalmente, uma base + uma partícula) em textos acadêmicos escritos por aprendizes brasileiros da língua inglesa.

Desta forma, mostra-se relevante a proposta de identificar quais são os verbos frasais, preposicionados e frasais preposicionados mais comuns e mapear as diferenças e semelhanças em seu emprego em textos argumentativos por parte de brasileiros e, comparativamente, de falantes nativos. De inegável contribuição ao ensino da Língua Inglesa a falantes não nativos, esta investigação, realizada com base em dois *corpora* (Br-ICLE e LOCNESS), evidencia a significância (grande frequência) do emprego de *multi-word verbs* em produções textuais dos não nativos e as dificuldades de apropriação por estes últimos, reveladas nos inúmeros equívocos cometidos. Tais falhas textuais podem comprometer o resultado do texto, desfigurando a intenção comunicativa dos estudantes, visto que as diferentes nuances semânticas implicadas pelas diversas partículas, nessas formações lexicais, constituem fenômeno que não encontra ressonância estrita na língua materna.

No décimo artigo, “As construções com o verbo *começar* no Português do Brasil e a noção de inceptividade aspectual”, Giovanna Cristina Rodrigues Alves Rafael (Mestre em Estudos Linguísticos pela UFMG; professora da Rede Estadual de MG) e Sueli Maria Coelho (PosLin / UFMG) buscam atestar o valor de marcador de aspecto inceptivo nas construções com o verbo “começar”, o mais prototípico para esse caso no Português Brasileiro (PB). Com base nos postulados da Gramática de Construções (sobretudo no Princípio da Não Sinonímia de Goldberg (1995)), partem da hipótese de que as manifestações da inceptividade aspectual não se verifica de forma análoga nos tipos diferentes de construções com *começar*.

Lançando mão de dados extraídos, majoritariamente, de textos orais e escritos no PB, compreendidos entre os séculos XIX e XXI, discutem os resultados encontrados em seis tipos distintos de construções, dentre elas, as construções perifrásticas e as intransitivas de perspectiva ergativa. As análises realizadas já apontam para possíveis contradições ao Princípio da Não Sinonímia de Goldberg (1995), o que indica necessidade de novos desdobramentos de investigação.

Na sequência, temos o artigo “Divergências entre a construção passiva no português brasileiro e no inglês: evidências de *corpus* oral”, de Mara P. Guimarães e Ricardo Augusto de Souza, ambos docentes da UFMG. Sob o escopo da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006), foi feita uma análise de frequência da construção passiva em *corpora* de fala do PB e do inglês, na qual foi atestada uma diferença distribucional.

Há muito, sabe-se que a visão transformacional da construção passiva não esgota todas as suas possibilidades de ocorrência e interpretação. No artigo em

questão, os autores propõem uma análise construcional da passiva, tratando-a como entidade teórica independente, em que, a despeito de se verificarem congruências sintáticas entre essas línguas, não se pode afirmar que haja equivalência. No PB, constata-se uma gama de recursos construcionais para o alcance de efeitos semântico-pragmáticos que são obtidos no inglês exclusivamente por meio da construção passiva. Dessa forma, a intenção dos pesquisadores é constatar que a construção passiva instancia representações/construções de cunho distinto nas duas línguas enfocadas. Um trabalho de fôlego, que traz contribuições relevantes à compreensão de mais alguns aspectos dessa complexa estrutura que é a passiva.

No âmbito da Sintaxe Gerativa e sua interface com a Psicolinguística, esta edição da Scripta conta com dois artigos que versam sobre o processamento da linguagem.

O primeiro texto, de autoria de Marcus Maia, Amanda Moura e Moíra de Souza (da UFRJ), é intitulado “Ilhas sintáticas e plausibilidade semântica – um estudo de rastreamento ocular de frases com lacunas preenchidas em português brasileiro”. Esse trabalho apresenta um experimento de rastreamento ocular em que se investiga o Efeito da Lacuna Preenchida (ELP) em construções subjacentes e não subjacentes e em contextos semânticos de plausibilidade e de implausibilidade. Parte-se da ideia que sentenças como “Que livro João leu \_\_\_?” são derivadas via movimento QU de sentenças como “João leu que livro?”. Entretanto, há contextos sintáticos que impedem a extração do sintagma QU, tal como ocorre em “\*Que livro João encontrou o professor que escreveu \_\_\_?”. Esse seria um contexto de ilha sintática, um ambiente estrutural que impede algumas operações, tal como a mencionada aqui. A pesquisa de Maia, Moura e Souza propõe-se a investigar se configurações de ilhas sintáticas são reais psicologicamente e fazem isso por meio de um experimento de rastreamento ocular que compara a leitura de períodos com ilhas relativas a períodos coordenativos (que não constituem ilha sintática e não impõem, portanto, restrição à extração de sintagmas QU).

Os autores também se propõem a investigar o fator plausibilidade semântica. Os resultados sugerem que configurações de ilhas sintáticas são percebidas rapidamente pelo processador sintático, impedindo tanto a postulação do ELP, quanto a avaliação semântica de plausibilidade na seleção do complemento pelo verbo. Nas condições não subjacentes, o ELP se instancia e a avaliação semântica ocorre apenas posteriormente às decisões de análise sintática, não evitando o ELP.

O outro texto que trata do processamento da linguagem denomina-se “A aquisição da linguagem por meio de processamento de informação das interfaces: sobre o processo de aquisição de passivas” e é de Letícia M. Sicuro Corrêa (PUC-

Rio-LAPAL), João C. de Lima Júnior (PUC-Rio-LAPAL) e Marina R. A. Augusto (UERJ-LAPAL). A partir de uma concepção minimalista da língua (Chomsky 1995 e subsequentes), e de resultados de quatro pesquisas de natureza psicolinguística, os autores apresentam uma abordagem procedimental para a aquisição da linguagem, caracterizando os principais passos da aquisição de passivas verbais e dando evidências empíricas compatíveis com o curso de aquisição proposto. Sugerem que há a especificação, na árvore sintática, de um nó funcional específico para passivas, denominado *passiveP* e, nesse local, estaria marcada a diferença entre as sentenças passivas e as sentenças ativas. Assim, o primeiro passo a ser dado pela criança no curso da aquisição de passivas seria o de identificar o complexo “auxiliar-particípio”. Em experimentos, os pesquisadores verificaram que bebês eram sensíveis à mudança quando não se deparavam com tal complexo.

Os autores ainda trazem resultados de pesquisa indicando que as crianças em processo de aquisição da linguagem sabem fazer a diferenciação entre passivas eventivas (com verbo SER) e estativas (com verbo ESTAR) e que, por volta dos três anos já representam, no léxico, a informação funcional requerida para a geração de passivas. Por fim, os autores apresentam resultados obtidos por crianças em idade escolar em tarefas de compreensão de sentenças ativas e de passivas sem e com reversibilidade de papéis temáticos. Os dados sugerem que o custo de processamento de passivas pode tornar algumas tarefas particularmente árduas. Assim, por meio da apresentação de resultados de quatro experimentos, demonstram as etapas na aquisição de passivas verbais e validam evidências empíricas de que as passivas demandam um alto custo no processamento.

Ambos os artigos – tanto o de Maia, Moura & Souza, sobre ilhas sintáticas e plausibilidade semântica, quanto o de Corrêa, Lima Jr. & Augusto, sobre a aquisição de passivas – revelam-se altamente instigantes para estudiosos do processamento da linguagem.

Numa dimensão mais globalizante de análise linguística, no âmbito da textualização, o décimo quarto artigo, intitulado “A prática de revisão de textos entre inadequação e inovação: uma discussão sobre variação, mudança e política linguística”, de Carolina P. Fedatto e de Beatriz Garcia Pinto Coelho, problematiza as noções de uso, de variação e de mudança linguística na prática de revisão de textos. Para isso, trazem à baila uma discussão acerca de alguns vocábulos polêmicos entre gramáticos tradicionais e linguistas, tais como o demonstrativo “mesmo” e “onde”. O primeiro, substantivado como anafórico, e o segundo, que tem um sentido não espacial, são condenados, nas palavras das autoras, por concepções mais puristas da língua, porque não estariam de acordo com um

sentido original defendido por alguns gramáticos.

Em sua argumentação, Fedatto & Coelho baseiam-se em estudos linguísticos que fazem a descrição do uso desses vocábulos em textos da norma padrão e que demonstram que essas novas acepções estão em plena produtividade na língua, por isso são entendidas como gramaticalizadas no português padrão. Para as autoras, os profissionais do texto ficam entre essas duas posições e, em sua prática, têm que decidir sobre a correção ou não de formas consideradas, por um lado, como inadequadas e, por outro, como inovadoras. Em decorrência, a argumentação das autoras coloca em pauta o papel da revisão de textos nas discussões sobre políticas linguísticas.

O décimo quinto artigo, “O *sim* e o *não* em pareceres de revista acadêmica – estudo das metáforas interpessoais sob a perspectiva sistêmico-funcional”, Osilene Maria de Sá e Silva da Cruz (INES / DESU), partindo da constatação da importância de análises discursivas em textos acadêmicos, oferece-nos uma análise de pareceres de artigos de uma revista científica de Linguística (RL1), fundamentando-se teoricamente na perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004). A partir de um *corpus* constituído por 67 pareceres de artigos, organizados em três grupos (aprovados sem restrições (A), aprovados com restrições (AR) e reprovados (R)), realiza pesquisa qualitativa, focando, como categorias, treze tópicos (*aboutness*) abordados pelos pareceristas: Análise, Argumentação, Bibliografia, Contribuição, Forma, Língua, Metodologia, Objetivo, Resultado, Resumo, Tema, Teoria e Título.

A autora, sob as lentes oferecidas pela perspectiva da metáfora interpessoal (avaliações predominantemente positivas no grupo de pareceres A e negativas nos grupos de pareceres AR e R), constatou que os pareceristas indicaram correções e sugestões de mudanças no grupo de pareceres A, porém utilizando metáforas interpessoais como estratégia eufemística ao apresentarem críticas; no grupo em que os trabalhos eram aprovados com ressalvas, a ocorrência de metáforas interpessoais sinalizavam sugestões para correções; por fim, no grupo de trabalhos em que houve rejeição, as críticas negativas foram instanciadas, principalmente, por meio de enunciados monoglóssicos, sem abertura para uma interlocução ou negociação entre autor / parecerista. Certamente, os resultados desse trabalho contribuem para uma visão mais acurada sobre metáfora gramatical e interpessoal, em especial no que tange ao gênero parecer de revista científica, sobre o qual a literatura ainda é bastante deficitária. Adicionalmente, pode-se projetar, para as revistas RL1, que este trabalho possa subsidiar a melhoria da relação parecerista / autor, visto que descortina parte do complexo processo de avaliação de artigos

acadêmicos, o que não é pouca coisa num contexto em que as exigências em torno de publicações acadêmicas se fazem ainda mais intensas nas instâncias de avaliação sistêmica, com reflexos e tensões imediatas aos que trabalham nos programas de pós-graduação Brasil afora.

Fechando o dossiê, o ensaio do professor Luiz Carlos Cagliari (UNESP Araraquara / CNPq), intitulado “Sobre uma teoria da expectativa”, apresenta uma discussão sobre a relevância da ideia de expectativa como fundante para os estudos semântico-discursivos, visando à consolidação de uma “teoria semântica cognitiva da ideia de expectativa encontrada no processo de comunicação linguística”, o que se tornou mais exequível nas últimas décadas, dado o desenvolvimento da Semântica Cognitiva. Partindo do mapeamento da ideia de expectativa em contextos diversos, informais – como conversas entre pares – ou formais, em textos orais ou escritos, literários ou acadêmicos, Cagliari designa à expectativa um *status* de basilar a todo processo comunicacional.

Para comprovar, traz exemplos de inúmeras palavras e expressões, estruturas sintáticas e prosódicas (como perguntas) que introduzem uma expectativa na comunicação, evidencia que a expectativa pode estar na mente de um dos interlocutores ou, de forma especular, na mente de todos os atores de uma situação comunicativa, bem como pode ser uma noção estabelecida formalmente através de regras ou de costumes na sociedade.

Com seu ensaio, embora reste claro quanto há por fazer em relação à consolidação de uma Teoria sobre a Expectativa, o autor evidencia todo um percurso de pesquisadores com relevantes trabalhos no âmbito da Semântica Cognitiva, o que faz supor que novos conhecimentos sobre a relação mente / cérebro / linguagem estejam num momento de efervescência, visto que renomados estudiosos da Linguística brasileira (e internacional), alguns de forma cooperativa, vêm se debruçando, metacognitivamente, sobre os esquemas perceptuais e conceituais que medeiam as práticas de língua(gem) humanas.

Quanto à seção **Entrevistas**, nesta edição da Scripta trazemos os diálogos travados com três eminentes linguistas dedicados a estudos gramaticais, em suas diferentes nuances e perspectivas teóricas. Entrevistamos os professores Ataliba Teixeira de Castilho, atualmente da Universidade Estadual de Campinas; o Professor João Miguel Marques da Costa, da Universidade de Lisboa; e a Professora Sônia Maria Lazzarini Cyrino, da Universidade Estadual de Campinas.

O professor Ataliba Teixeira de Castilho, um dos ícones da Linguística Brasileira, apresenta alguns dos fundamentos da “Ciência dos Sistemas Complexos”, a qual abriu caminho a novas percepções sobre as línguas naturais. O pesquisador

ainda nos traz os postulados nos quais se assenta a abordagem multissistêmica, de orientação funcionalista-cognitivista, quais sejam: os processos e os produtos convivem num mesmo recorte de língua; os processos e os produtos linguísticos são multissistêmicos, ultrapassando e englobando os limites da Gramática; e um dispositivo sociocognitivo administra os sistemas linguísticos.

Castilho, ao argumentar a favor da análise multissistêmica, assinala que a língua-enquanto-produto é um conjunto de categorias agrupadas em quatro sistemas: léxico, discurso, semântica e gramática. No entanto, vista como conjunto de domínios (ou processos) ou como conjunto de sistemas (ou produtos), continuará a depender de uma articulação que assegure a eficácia de seu uso. Tal articulação se dá ao abrigo do que o pesquisador denomina de “dispositivo sociocognitivo”, explicitável por meio da ativação, desativação e reativação de propriedades. E tal dispositivo se fundamentaria nas estratégias da conversação, que, de acordo com Castilho, é a utilização mais básica das línguas naturais, e teria uma dimensão cognitiva e uma dimensão social. Na entrevista, ele ainda nos fala sobre a importância da construção do Projeto NURC para o avanço da pesquisa linguística no país.

O Professor João Costa, atual Secretário de Estado de Educação de Portugal, é renomado pesquisador, destacando-se, sobretudo, na área de Sintaxe Gerativa e de Aquisição de Linguagem. Nesta entrevista, Costa nos fala que o Programa Minimalista, mais do que um quadro teórico, constitui-se um conjunto de orientações metodológicas. Além disso, nos coloca que o desenvolvimento de um modelo linguístico deve pressupor um trabalho interdisciplinar, com as áreas de processamento e produção da linguagem e com os campos de estudo que se debruçam na compreensão de estruturas fisiológicas e da relação neurologia e linguagem. O professor ainda indica que haveria microvariações, especialmente aquelas ligadas à flexão, evidenciadas em pesquisas de comparação entre o Português Europeu (PE) e o Português Brasileiro (PB). Costa discorre também sobre concepções de localização de advérbios na sentença. O pesquisador reconhece o valor descritivo do trabalho de Cinque (1999), mas salienta que é possível haver relações não biunívocas entre advérbios e núcleos flexionais e propõe que a adjunção faz predições robustas, à medida que flexibiliza a estrutura sintática admitindo maior variabilidade.

Em interlocução com a entrevista precedente, a Professora Sônia Maria Lazzarini Cyrino, que atua na área de Teoria e Análise Linguística (com ênfase em Sintaxe Gerativa e Mudança Diacrônica), vê o cenário da Linguística Formal no Brasil com muito otimismo e salienta que o grande número de estudos em curso

dentro da abordagem gerativa vem cooperando para a percepção do valor dos estudos teóricos nessa vertente.

Cyrino destaca a área da “Sociolinguística Paramétrica”, que, desde a década de 80, é um exemplo de demonstração de que é possível usar a Sintaxe Gerativa, para explicar fenômenos de variação linguística. Reitera que, para a investigação em sintaxe, é preciso observar um fenômeno e analisar sua relação com outros fenômenos da língua (e de outras línguas) a fim de alcançar uma proposta que seja compatível com a Gramática Universal, que, para ela, é um fato inquestionável atualmente. Para ratificar sua posição, Cyrino enfatiza a importância de se observarem resultados de diversos estudos diacrônicos tipológicos atuais e também aqueles obtidos nas áreas de Psicolinguística, Neurolinguística e Aquisição da Linguagem, numa convergência de opinião com o que nos traz João Costa.

Sônia Cyrino, reconhecida como uma das principais pesquisadoras sobre o objeto nulo (ausência da expressão fonológica do complemento do verbo), nos últimos tempos, tem procurado investigar a noção de objetos nulos ligados a antecedentes inanimados. Certamente, esse novo estudo (cujas referências ela nos oferece ao final da entrevista) trará luz sobre aspectos importantes da configuração sintática do Português Brasileiro, permitindo aprofundar nossos conhecimentos sobre esta língua e suas relações com o Português Europeu.

Na última seção, **Resenha**, trazemos o cuidadoso trabalho feito por Rodrigo Morato, do livro **Cognitive Science Perspective on Verb Representation and Processing**, organizado por Roberto G. De Almeida e Christina Manouilidou (2015). O livro, que conta com 24 capítulos, explicita como a representação do significado verbal vem ganhando força em pesquisas realizadas nos campos da Neurociência e da Psicologia. Temas instigantes, tratados com rigor por pesquisadores de comprovada competência, credenciam não só a leitura desta resenha, mas a busca da fonte original em que ela se espelha.

Como se pode dimensionar, apresentar uma edição tão rica quanto díspar e potencialmente suscitadora de novas reflexões sobre a configuração fonológica, morfossintática e semântico-pragmática da Língua Portuguesa – e de outras línguas – como trazemos nesta edição da Revista Scripta – não é tarefa simples nem fácil, mas certamente gratificante. Se, como assevera o professor Luiz Carlos Cagliari, a expectativa é a função basilar da comunicação, posto que tangenciadora de todas as nossas práticas linguísticas (languageiras), podemos afirmar que nossa expectativa – revelada desde o momento primeiro da chamada de artigos para esta edição – se realizou plena e satisfatoriamente.

Com um conjunto de trabalhos de relevada qualidade técnica e valor acadêmico, com a generosa entrevista concedida por três nomes de peso no cenário nacional e internacional, os discursos ora publicizados e suas interlocuções com outras pesquisas também contidas neste volume (que buscamos evidenciar por meio da ordenação dos trabalhos) ou com outras investigações, anunciadas no escopo de cada trabalho, permitem-nos constatar, como endosso da fala do professor Ataliba de Castilho, o quanto vem se produzindo, com qualidade, nas universidades brasileiras.

Por fim, gostaríamos de agradecer ao professor Marco Antônio de Oliveira (PUC Minas), por ter nos auxiliado na organização desta edição.

Organizadoras  
*Arabie B. Hermont*  
*Ev'Angela B. R. de Barros*

## Referências

- CASTILHO, Ataliba Teixeira. A Nova Gramática do Português Brasileiro. In: **Revista Philologus**. Ano 16, Nº 47. Rio de Janeiro: CiFEFiL, maio/ago. 2010.
- CHOMSKY, N. **The minimalist program**. Cambridge: MIT Press, 1995.
- GOLDBERG, A. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.
- SALOMÃO, Maria Margarida. Gramática das Construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. **Revista Veredas** n.6, vol.1, pp.63-74. Juiz de Fora: UFJF, 2002.